

Xilogravura e Cordel: estratégia visual e recurso literário da cultura popular como elementos da Folkcomunicação¹

Eliane Mergulhão²

Docente FATEC-SJC; UNIP-SJC;

São José dos Campos, SP

Resumo

A cultura popular vem sendo objeto de estudo de vários pesquisadores, principalmente daqueles que estão interessados nos processos de comunicação das camadas da população que não consomem produtos culturais industrializados. Para Beltrão (1980), a cultura é preexistente, passa por nossa experiência e crítica, e nos leva a construir um mundo melhor, segundo a ordem natural que a vida exige. Nosso estudo considera Cordel e Xilogravura um par dialógico que representa, em especial no Nordeste Brasileiro, a voz de um segmento popular, e que, no âmbito de nossas pesquisas, participa da Folkcomunicação. O visual e o literário, juntos, em sua especificidade, de acordo com Marques de Melo (2008), tanto são entretenimento quanto o meio e o suporte de divulgação, conservação, transformação e atualização da cultura do povo.

Palavras-chave: Cordel e Xilogravura; Folkcomunicação; Nordeste brasileiro.

Introdução

“O presente só estaria presente para nós nas marcas deixadas por ele em estruturas sólidas. As marcas, objetos e fatos deixados pelo passado seriam capazes de influenciar nossas construções do passado feitas no presente” (HUTTON, 1993, p.73-91 *apud* SANTOS, 2003, p.87).

Para falar de Folkcomunicação hoje é inevitável tratar de um conjunto formado por vários elementos, dentre eles Cultura Popular, Comunicação Social, Passado e Presente, Memória coletiva, Folclore, Acervos, Expressões populares e outros. Porque o estudo da folkcomunicação, iniciado por Luiz Beltrão, confirmando a dinâmica de sua natureza, vem sendo atualizado constantemente pelos herdeiros do jornalista pernambucano. E nessa atualização, as categorias acima elencadas exercem papel preponderante no contexto folkcomunicacional.

¹ Trabalho apresentado ao DT8 – Estudos Interdisciplinares, GT Folkcomunicação, ao XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, PR, de 1 a 5 de setembro de 2014.

² Pós-doutoranda em Comunicação Social, Folkcomunicação (UMESP), Doutora em Ciências Sociais (UMESP), Mestre em Língua Portuguesa (PUCSP), Especialista em Literatura Brasileira (UNISANTA), Graduada em Letras (UNIVAP).

Marques de Melo (2008) enfatiza o caráter transdisciplinar da Folkcomunicação, fazendo nessa obra uma completa arqueologia da disciplina, ou seja, sua história, sua taxonomia e sua metodologia. Para ele:

O objeto desse segmento inovador de pesquisa latino-americana no âmbito das ciências da comunicação encontra-se na fronteira entre o Folclore (resgate e interpretação da cultura popular) e a Comunicação de Massa (difusão industrial de símbolos, por meio de meios mecânicos ou eletrônicos, destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas) (MARQUES DE MELO, 2008, p.17).

Inicialmente, Beltrão havia instituído a folkcomunicação como “processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura dos trabalhadores (rurais ou urbanas). No entanto, Marques de Melo refaz essa conceituação explicando que se, “o *folclore* compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural, protagonizadas pelas classes subalternas”, os chamados excluídos, “a *folkcomunicação* caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural” (*idem*), ou seja, a comunicação dos excluídos.

Concordamos com o professor José Marques de Melo quando ele afirma em seus artigos e em suas aulas que os fenômenos da comunicação pré-moderna postulados por Beltrão (1973) coexistiam com elementos de comunicação massiva; agora, nos desdobramentos dos estudos folkcomunicacionais, aparece na folkmídia, que nada mais é do que o estudo do *processo inverso* ao levantado por LB, i.e., *a apropriação dos bens da cultura popular pela indústria cultural*, seja no campo do lazer, seja na propaganda ou no turismo (MARQUES DE MELO, 2008, p.18, *grifos nossos*).

Enfim, numa definição mais ampla, Marques de Melo (2008) afirma que a Folkcomunicação, exatamente por sua capacidade de mediação entre a cultura de massa e a cultura popular, vem adquirindo mais importância nos estudos da comunicação, “protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processo de hibridização simbólica”. E mais: do ponto de vista político, “ela representa inegavelmente uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas” (p.25).

Para este estudo, que trata de linguagem visual e linguagem literária, i.e., que trata de Cordel e Xilogravura, expressões sabidamente populares, isso se faz possível por se

levar em conta o fato de serem língua e linguagens as expressões básicas da cultura de um grupo social. (DIAS, 2008)

Folkcomunicação: Folclore & Comunicação de Massa

Cultura é um termo com várias acepções, em diferentes níveis de profundidade e ampla espectro de significados. Para lidar com a obra de Beltrão no plano das abordagens sociais e comunicacionais, buscamos o vértice da cultura fazendo dele um vetor senão seguro pelo menos amplo e que permite visão de contexto. O uso do abstrato é uma característica para a definição do que é cultura, pois os elementos culturais só existem na mente das pessoas, em seus símbolos, tais como padrões artísticos e mitos. Entretanto, fala-extremamente frágil. Desse modo, a cultura, por seu dinamismo, se também em cultura material (por analogia à cultura simbólica) quando do estudo de produtos culturais concretos (obras de arte, escritos, ferramentas). Essa forma de cultura (material) é preservada no tempo com mais facilidade, uma vez que a cultura simbólica é para este estudo, apresenta vantagens de natureza sócio-antropológica, já que estamos tratando de objetos com dupla materialidade: física e simbólica.

A principal vantagem da cultura é o seu chamado ‘mecanismo adaptativo’, que é a capacidade de responder ao meio de acordo com mudanças de hábitos, mais rapidamente do que uma possível evolução biológica. O homem não precisou, por exemplo, desenvolver longa pelagem e grossas camadas de gordura sob a pele para viver em ambientes mais frios; ele culturalmente adaptou-se a partir do uso de roupas, do fogo e de habitações. A evolução cultural ocorre mais rapidamente na linha do tempo do que a biológica.

Além disso, a cultura é também um mecanismo cumulativo. As modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, de modo que a cultura transforma-se, perdendo e incorporando aspectos mais adequados à sobrevivência, reduzindo o esforço das novas gerações para a sobrevivência e o desenvolvimento. Esta adaptação vem sendo observada também no plano simbólico e na emissão de mensagens, na literatura popular.

Muitos historiadores e antropólogos estudam a literatura popular com o objetivo de conhecerem sobre a cultura e a história de uma época. Em meio à ficção, tanto na literatura quanto nas expressões artísticas em geral, é possível resgatar dados sobre vestimentas, alimentação, rituais, crenças, comportamentos, objetos, linguagem, arquitetura, etc.

Essa visão sobre cultura é nosso ponto de vista inicial para abordar a folkcomunicação e sua dinâmica dentro dos estudos atuais, pois como ela lida com elementos da cultura popular, e a cultura popular evolui e se modifica, ela também evoluiu como disciplina, como já dissemos no item anterior à luz dos estudos de Marques de Melo (2008).

Para Luyten (1987, p.8-9) “a cultura popular abrange todos os setores da vida de um povo, mas geralmente indica certa oposição à cultura oficial, erudita. E se manifesta com maior vigor em sociedades nas quais a divisão de classes é acentuada”.

Nosso interesse aqui, portanto, é demonstrar duas questões: a primeira é a de que Cordel e Xilogravura são expressões genuínas da cultura popular, como vamos fundamentar a seguir; a segunda questão é a de afirmar que, como elementos da cultura popular, cordel e xilogravura fazem parte do acervo considerado pelos estudos da folkcomunicação, sendo esta uma disciplina interessada no intercâmbio de mensagens entre distintas plataformas do conhecimento humano.

Cordel & Xilogravura

Ao citarmos Cordel, logo nos vem à mente a “literatura de cordel” e não o “cordão torcido” que os meninos usam para pôr o pião para rodar. Pois bem, para definir essa expressão típica da cultura do Nordeste brasileiro, podemos dizer que ela é uma espécie de poesia popular, que aparece impressa e divulgada em folhetos ilustrados com desenhos, e que esses desenhos são feitos com o processo de xilogravura.

Segundo alguns historiadores e até mesmo nos dicionários consta que este nome vem de Portugal, pois lá era costume deixar desenhos expostos ao povo, amarrados em cordões, estendidos nas pequenas lojas de mercados populares ou até mesmo nas ruas. Até hoje, em cidades portuguesas, é comum de se ver nas lojas de suvenires os “varais” com cartões postais e artesanato local.

Luyten (1987, p.10) lembra que muitos pesquisadores “confundem literatura de cordel ou poesia popular com manifestações poéticas nordestinas”. Mas vale lembrar que há poesia popular em todo Brasil e em toda a América Latina e que a “literatura de cordel significa a parte impressa” e representa muito pouco da poesia popular como um todo. O cordel, no Nordeste, é cantado nas feiras por violeiros e cantadores. Mas eles cantam também outros tipos de cantigas, tais como desafios, emboladas, repentis, e outros.

Dos mais recentes cordelistas, podemos citar os poetas José Alves Sobrinho, Homero do Rego Barros, Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), Téo Azevedo, Zé Melancia, Zé Vicente, José Pacheco da Rosa, Gonçalo Ferreira da Silva, Chico Traíra, João de Cristo Rei e Ignácio da Catingueira. (LIMA, 2013)

Segundo Josenildo Maria Lima (2013), pesquisador da Paraíba: “a literatura de cordel brasileira tem se adaptado a cada uma dessas etapas, pois com o advento do rádio os poetas passaram a se apresentar nas rádios e agora com a utilização exponencial da internet, encontram-se facilmente diversos sites e blogs destinados à divulgação e comercialização dos folhetos de cordel”. Essa declaração vem corroborar o que Marques de Melo vem afirmando em seus trabalhos já há vários anos, de que a cultura popular é dinâmica e se atualiza a partir da cultura de massa. E é este o objeto da nossa pesquisa.

Do ponto de vista da folkcomunicação, junto com o cordel está a xilogravura, sendo ambas consideradas “arte popular”. Nesse sentido, sua principal característica, segundo Beltrão (1973), é que a mensagem de arte é elaborada sem a preocupação de reclamar do receptor o uso de suas faculdades de raciocínio, análise ou interpretação. E nesta categoria as duas modalidades comunicativas de nosso estudo se adequam à definição. Para definir, então, a Xilogravura, fomos ao berço dela, ou seja, ao Museu Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão, onde se realizarão em breve as Jornadas Beltranianas de 2014.

Segundo Antonio Costella (2012), criador e mantenedor do museu, xilogravura é a gravura obtida pelo processo de xilografia, que significa arte de gravar em madeira (*xylo*, do grego, lenho, madeira). Técnica de impressão em que o desenho é feito utilizando-se ferramentas específicas (buril ou faca, goiva e formão). Assim, os desenhos são feitos em uma chapa de madeira que, depois de devidamente “adicionadas” de tinta, vão funcionar como um carimbo e imprimir o desenho na folha de papel.

Poucas pessoas que visitam a Casa da Xilogravura sabem com precisão, ao entrar no Museu, o que é uma xilogravura. [...] Daí, explico: é uma gravura obtida pela pressão de uma *matriz entalhada em madeira* sobre uma folha de papel ou sobre outro suporte. Simplificando, *xilogravura é um impresso obtido com o uso de algo equivalente a um carimbo de madeira* (COLTELLA, 2012, p.15, *grifos nossos*).

Destacamos a questão da funcionalidade da xilogravura, que por esse desenho ser feito numa placa de madeira, ele pode ser reproduzido quantas vezes o artista quiser, e com

a vantagem de poder trocar as cores de cada tiragem do mesmo desenho, bastando limpar a matriz para reusá-la.

Sabe-se que o Oriente fazia xilografia há muito mais tempo do que o Ocidente. Inicialmente era usada para imprimir orações budistas que também eram penduradas nos templos. Depois, passaram a usar essa técnica para imprimir livros, sendo estes os primeiros de que se tem notícia de terem sido feitos pelo homem.

Completando as argumentações deste item, afirmamos que Cordel & Xilogravura andam de braços quando expressados na cultura popular, e formam o par dialógico a que nos referimos no Resumo do artigo. As mensagens veiculadas pelo cordel ilustradas pela xilogravura, para continuar o diálogo com o público, mantêm, atualizam e renovam as crenças e os mitos da cultura, não apenas do povo nordestino mas do povo brasileiro em geral.

Acervo de Marques de Melo & Jornadas Beltranianas

O Museu Casa da Xilogravura vai sediar, no período de 14 de agosto a 29 de setembro de 2014, a exposição “Literatura de Cordel: Acervo Marques de Melo – Folhetos de Época”. Situada à Avenida Eduardo Moreira da Cruz, n.º 295, bairro Jaguaribe, na cidade de Campos do Jordão (SP), a Casa da Xilo, como é conhecida na região, foi fundada em 1987, pelo Professor Antonio Costella, docente da pioneira Faculdade Cásper Líbero e da Escola de Comunicações e Artes da USP. Além de promover mostras periódicas dos seus ramos de expressão estética, esse museu conta com um acervo permanente, constituído por peças oriundas de vários países, oferecendo ao visitante uma visão panorâmica da arte xilográfica.

“Jornadas Beltranianas” é um evento itinerante, organizado e dirigido por José Marques de Melo. Neste ano, o tema é “Cordel de época, o jornal dos marginalizados”, fazendo eco à teoria de Beltrão sobre a “comunicação dos marginalizados” e ao mesmo tempo celebrando os 100 anos de nascimento de Raymond Cantel (1914-1986), 50 anos da visita de Luiz Beltrão aos EUA, e 30 anos do início da Jornada de Difusão do Cordel Brasileiro no Japão.

O acervo de cordel de Marques de Melo doado ao Museu Casa da Xilografia, segundo o próprio Marques de Melo, é uma “coleção de folhetos provenientes de todos os recantos nordestinos”, mas que, inevitavelmente, toma como sua fonte de referência o

importante Fundo Cantel que segundo ele é, “possivelmente, o maior acervo da literatura popular brasileira, preservado pela Universidade de Poitiers (França), onde estiveram os pesquisadores Joseph Luyten e Roberto Benjamin, ajudando a ordenar e a classificar a fortuna crítica acumulada pelo intelectual francês”, que fez do Brasil e do cordel seu objeto principal de pesquisa. As investigações de Cantel se concentraram na literatura popular brasileira, que serviu de referência para numerosos ensaios, os quais analisam “textos de poesia e de prosa impressos em folhetos de cordel”.

O professor francês começou a viajar para o Brasil em 1959. Nessa época teve contato, a partir do Ceará, com poetas populares, cantadores e xilógrafos. Segundo as narrativas que tecem sobre a passagem de Cantel, o francês estaria interessado em conhecer o capitão Virgulino Lampião. E foi um folheto sobre o “rei do cangaço” que o levou diretamente ao mito. Durante suas visitas ao Brasil, Cantel comprava e ganhava folhetos, o que fez com que formasse uma valiosa coleção. A partir desse episódio, e do início da sua “não pensada” coleção de folhetos, passou a se interessar pela literatura popular, na qual ele antevia algo da tradição europeia medieval. Em suas viagens, o pesquisador não se limitava a comprar folhetos de feira e de xilogravuras, mas também – munido de equipamento eletrônico – gravava cantorias e narrativas populares.

Consta que foi Cantel quem levou a obra de Patativa do Assaré (1909-2002) para ser estudada na Cadeira Popular de Literatura Universal da Sorbonne, no final dos anos 1970. Cantel fez muitas visitas ao Brasil e teve papel decisivo na compreensão, na divulgação e na valorização desta modalidade de escritura, tanto em sua atividade de pesquisador quanto na docência. Tanto empenho e atividade fizeram dele, também, objeto de estudo.

Hoje, poetas populares, dentre eles Apolônio Alves dos Santos, afirmam que a denominação “Literatura de Cordel” só apareceu na década de 70, nas pesquisas de Raymond Cantel. Manoel Monteiro, poeta de Campina Grande, diz que o francês foi o primeiro a dizer que os folhetos de feira eram pendurados em barbantes e cordas. (LIMA, 2013). Na realidade, diz Monteiro, a literatura popular em versos, inicialmente, para ser vendida, era exposta no chão, com os folhetos espalhados sobre pedaços de lona.

Atualmente, na Maison des Sciences de l’Homme et de La Société (Universidade de Poitiers), o Centre de Recherches Latino-Américaines trabalha com vários acervos, e um deles é o “Acervo Raymond Cantel de Literatura de Cordel”, dito o maior da Europa. Desde 2007, o acervo passou a integrar o programa Archives Virtuelles Latino-Américaines da instituição.

Marques de Melo (2008) afirma que “o Fundo Raymond Cantel é uma das mais ricas coleções de folhetos de cordel do mundo. Desde sua criação, desempenhou um papel importante no intercâmbio entre o Brasil e a França”. Estudantes e especialistas têm ido ali em busca de dados para suas teses, “contribuindo assim para a valorização e preservação dessa importante manifestação da cultura brasileira”.

Antes de passar às considerações finais, cabe lembrar quando Luiz Beltrão iniciou seus estudos da folkcomunicação, segundo Marques de Melo (2014, p.416), sua argumentação estava fundamentada num objeto do artesanato religioso, o ex-voto. Configura-se, portanto, desde então, a inclusão do artesanato na folkcomunicação. A xilogravura pode ser incluída no rol das peças de artesanato listadas por LB como sendo parte material dos sistemas de comunicação de grupos de trabalhadores de manufatura, principalmente nordestinos, que não participam dos processos industriais. (Cf. MARQUES DE MELO, 2014, p.417). Do mesmo modo, entendemos que o cordel também está classificado no rol dos objetos artesanais.

Considerações Finais

Cabe finalizar nosso artigo com duas definições trazidas por Marques de Mello (2008):

- literatura de cordel (p.119): definição – “Romanceiro popular nordestino, em grande parte contido em folhetos pobremente impressos e expostos à venda pendurados em cordel, nas feiras e mercados” (BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.1.225);
- xilogravura (p.126): definição – “Gravura em madeira. (...) Técnica de impressão anterior à invenção da tipografia, e durante a qual a reprodução de imagens e textos se fazia [faz-se ainda] por meio de pranchas gravadas em madeira” (BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.2.098).

Tais definições corroboram nossa hipótese inicial de que Cordel & Xilogravura, como expressões de artesanato (arte popular), fazem parte do elenco de objetos da folkcomunicação, e como tais dialogam com a cultura popular já que são suportes de gravação de mensagens. E como todo esse aparato é dinâmico, podemos afirmar sem nenhuma dúvida que eles perpetuam e atualizam crenças e conhecimentos.

O tema sugerido na XXXVII edição do Congresso Brasileiro da Comunicação é Guerra e Paz. Estamos presenciando, hoje, no Oriente Médio, uma guerra insana da qual nem sabemos ao certo quais são seus reais motivadores; apenas que, para os tempos pós-modernos do Séc. XXI, essa guerra é no mínimo ilegal, imoral e inadmissível. Nosso trabalho, com base nos ensinamentos de Luiz Beltrão, que sempre lutou por um ideal de Paz e de Bem para o homem, paradoxalmente tem seu mote, também, num conflito, já que Cantel começou sua busca pela cultura popular e depois sua coleção de cordel por conta do cangaço.

A guerra do cangaço no Nordeste foi também, para o professor francês, uma expressão aparentada com as guerras medievais da Europa, como até hoje se podem ver (em belas encenações), em teatros e em campo aberto, nos castelos das cidades de Portugal, durante o verão, nas famosas Feiras Medievais. Felizmente, as encenações atuais, as narrações das batalhas, na literatura e nos desenhos feitos em xilogravura servem para nos lembrar da responsabilidade de, antes, emitir mensagens de paz para o mundo, desejando que “guerra” continue apenas como uma palavra no dicionário. Nisto reside hoje a principal missão da comunicação.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Fundamentos científicos da comunicação**. Brasília (DF): Coordenada, 1973.

BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

COSTELLA, A.F. **O Museu e Eu: história sentimental do Museu Casa da Xilogravura**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2012.

DIAS, E.P.M. **Marcas Folkcomunicacionais na Obra Literária de Luiz Beltrão**. Tese de Doutorado em Comunicação Social (2008, 260f.), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

LIMA, J.M. **Literatura de Cordel e Ensino de Física: uma aproximação para a popularização da Ciência**. 2013, 113f. Dissertação de Mestrado em Matemática, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande (PB), 2013.

LUYTEN, J.M. **O que é literatura popular**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARQUES DE MELO, J. **Teoria e Metodologia da Comunicação: tendências do Século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014.

MARQUES DE MELO, J. **Mídia e Cultura Popular**: história, taxonomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTOS, M.S. **Memória coletiva e Teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.